

RESENHA: EDUCAÇÃO COMO PRÁTICA DA LIBERDADE

Pamella dos Santos Batista¹

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Triângulo Mineiro. Minas Gerais.
Brasil.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3538-5129>.

E-mail: marismenia.santos@aluno.uece.br

RESUMO

Esta resenha tem como objetivo apresentar ao leitor o livro Educação como prática de liberdade de autoria de Paulo Freire originariamente escrito em seu exílio em 1966. O livro é composto de uma introdução de Francisco C. Weffort com o seguinte título Educação e Política: reflexões sobre uma pedagogia de liberdade e contém 4 capítulos. O primeiro capítulo intitula-se *Sociedade em Transição*. O segundo, *A Sociedade Fechada e a Inexperiência Democrática*. O terceiro, *Educação versus Massificação*. E o último capítulo, *Educação e Conscientização*. A obra revela o fundamento de toda a práxis do autor: sua convicção que o homem foi criado para se comunicar com os outros e que a educação é uma prática de liberdade e apenas se efetiva em uma sociedade onde existem as condições econômicas, sociais e políticas de uma existência em liberdade.

Palavras-chave: Liberdade; Educação, Pedagogia moderna, Massificação, Sociedade.

REVIEW: EDUCATION AS A PRACTICE OF FREEDOM

SUMMARY

This review aims to present to the reader the book Education as a practice of freedom written by Paulo Freire, originally written in exile in 1966. The book consists of an introduction by Francisco C. Weffort with the following title Education and Politics: reflections on a pedagogy of freedom and contains 4 chapters. The first chapter is entitled Society in Transition. The second, The Closed Society and Democratic Inexperience. The third, Education versus Massification. And the last chapter, Education and Awareness. The work reveals the foundation of the author's entire praxis: his conviction that man was created to communicate with others and that education is a practice of freedom and is only effective in a society where economic, social and political conditions exist of an existence in freedom.

Keywords: Freedom; Education, Modern pedagogy, Massification, Society.

¹ Aluna do Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica em Rede Nacional Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT). Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Triângulo Mineiro. Minas Gerais. Brasil.
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3538-5129>. E-mail: marismenia.santos@aluno.uece.br

RESEÑA: LA EDUCACIÓN COMO PRÁCTICA DE LIBERTAD

RESUMEN

Esta reseña tiene como objetivo presentar al lector el libro *La educación como práctica de la libertad* escrito por Paulo Freire, escrito originalmente en el exilio en 1967. El libro consta de una introducción de Francisco C. Weffort con el siguiente título *Educación y política: reflexiones sobre una Pedagogía de la libertad* y contiene 4 capítulos. El primer capítulo se titula *Sociedad en transición*. El segundo, *La sociedad cerrada y la inexperiencia democrática*. El tercero, *Educación versus Masificación*. Y el último capítulo, *Educación y Conciencia*. La obra revela el fundamento de toda la praxis del autor: su convicción de que el hombre fue creado para comunicarse con los demás y que la educación es una práctica de libertad y sólo es eficaz en una sociedad donde existen condiciones económicas, sociales y políticas de una existencia en libertad.

Palabras clave: Libertad; Educación, Pedagogía moderna, Masificación, Sociedad.

APRESENTAÇÃO

O livro *Educação Como Prática da Liberdade* é o primeiro livro de Paulo Freire e foi originalmente escrito durante o seu exílio em 1967, contém 157 páginas, em sua 23ª edição foi publicada pela editora Paz e Terra. O mesmo apresenta na contracapa da obra, apresenta um texto intitulado *Paulo Freire ou o Poder da Palavra* de Pierre Furter, a introdução é de Francisco C. Weffort com o seguinte título *Educação e Política: reflexões sobre uma pedagogia de liberdade* e contém 4 capítulos. O primeiro capítulo intitula-se *Sociedade em Transição*. O segundo, *A Sociedade Fechada e a Inexperiência Democrática*. O terceiro, *Educação versus Massificação*. E o último capítulo, *Educação e Conscientização*.

No prefácio, Pierre Furter declara que: “É impossível falar de Paulo Freire com ele, tanto o diálogo (esta atividade pedagógica por excelência) tornou-se parte integrante da existência deste extraordinário pernambucano”. Sendo assim, “a oralidade de Paulo Freire não expressa só o seu estilo pedagógico. Revela sobretudo o fundamento de toda a sua práxis: a sua convicção que o homem foi criado para se comunicar com os outros.” Para Freire a educação é uma prática de liberdade e apenas se efetiva em uma sociedade onde existem as condições econômicas, sociais e políticas de uma existência em liberdade.

Na introdução, Francisco C. Weffort, discorre sobre a vida do referido autor, sua visão pedagógica, seu método de ensino e a experiência bem sucedida na alfabetização de adultos na cidade de Angicos. Evidencia que o autor propõe uma pedagogia para a liberdade (para homens livres), sinaliza a

urgência de alfabetização e conscientização das massas, a concepção de uma educação democrática, baseada na importância do diálogo.

Nesse sentido, o primeiro capítulo, intitulado *Sociedade em Transição*, discorre sobre a concepção de homem a partir da visão do autor, para Freire o homem é um ser de relações, de reflexão, de criticidade, inacabado e produtor de cultura. Por certo, este nasce para ser livre, para participar, pensar, criar, fazer escolhas e exercer criticidade e não simplesmente para ser um expectador da vida. Também acrescenta que o homem é produto de uma criação, de uma relação com o criador, enfatiza que tal relação é de libertação e não de domesticação ou submissão. Todavia na sociedade fechada marcada pelo colonialismo, o homem comum é impedido de construir sua criticidade, devido a massificação (alienação) que a sociedade burguesa lhe impõe, para que este por sua vez possa atender as expectativas da elite, para isso a finalidade desta é tornar o homem objeto invés de sujeito. No entanto a cultura não é estática, e assim essa sociedade fechada, brasileira colonial, escravocrata, sem povo, “reflexa”, antidemocrática entra em transição, o que consiste na passagem para uma sociedade aberta que apresenta várias mudanças como urbanização e industrialização. Inegavelmente, buscar uma sociedade justa implica reconhecer o homem como sujeito livre, histórico e produtor de cultura, que cria e recria e que necessita de uma consciência crítica e participação na sociedade. Vale dizer que a construção de uma sociedade verdadeiramente democrática está na superação da sociedade capitalista que não respeita essa concepção do homem como ser biológico, histórico e cultural. Freire elucida que a educação envolve várias questões, como por exemplo, não há educação sem amor, não há educação sem esperança, nem mesmo sem relações porque a educação não busca apropriar-se do próximo ou impor-se, pelo contrário, almeja a comunicação e interação respeitosa. Defende que a educação necessita estar entrelaçada à questão da mudança e apresentar um caráter permanente e contínuo, pois, o homem é um ser incompleto, inacabado por natureza e deve estar em constante aprendizagem, um “educando” jamais sabedor de tudo, jamais ignorante absoluto: “por isso, não podemos nos colocar na posição do ser superior que ensina um grupo de ignorantes, mas sim na posição humilde

daquele que comunica um saber relativo a outros que possuem outro saber relativo”.

O segundo capítulo, *A Sociedade Fechada e a Inexperiência Democrática*, inicia-se com uma análise sobre o contexto histórico da sociedade brasileira que é fechada, rígida, colonial, rural e extremamente marcada pela submissão do homem simples e da escravidão. O Brasil nasceu e cresceu dentro de condições negativas as experiências democráticas, historicamente a população não participou da coisa pública (mutismo não participação popular e política), devido ao poder centralizado e exacerbado da elite sempre promovendo o cancelamento da convivência comunitária onde o homem comum é sempre o homem esmagado e o que resta a ele é a subordinação. Além disso, Freire sinaliza que os grupos hegemônicos fomentam na sociedade a sectarização, e que a burguesia é uma classe reacionária, ou seja, desenvolve a imposição de suas ideias valores e crenças como sendo positiva e absoluta através da mídia, indústria, etc. Com toda certeza, pontua que na sociedade brasileira a supremacia é dos sectários e não dos radicais, e que durante o processo de transição de sociedade o sujeito pode desenvolver um otimismo ingênuo ou a desesperança, sendo assim, corre o risco de ser alienado e assumir um comportamento fanático (sujeito massificado) se não passar por uma educação crítica. Contudo o que pode levar a mudança é o otimismo crítico, mas isso ameaça a elite, uma vez que a mesma não quer perder o seu poder, porque com um pensamento crítico os sujeitos das massas começam a exigir seus direitos e não se satisfaz em apenas assistir sentindo a necessidade de participar. Por consequência, a elite assume o papel reativo, cria instituições assistenciais e procura repelir a vontade do povo, alega que uma democracia em que o povo quer participar é doente. Por isso, promove a crise para trazer dificuldade para as massas ao mesmo tempo que traz soluções assistencialistas para alienar as mesmas, se impor sobre estas e dissolver seus movimentos. O autor afirma que, para a construção de uma sociedade verdadeiramente democrática, o assistencialismo não é algo interessante, este não contribui para fortalecer a essência do homem como também impõe alienação/massificação e passividade ao indivíduo. Inclusive explica que, na sociedade fechada a consciência intransitiva é a incapacidade e a limitação da esfera de compreensão, ou seja, o

indivíduo não consegue perceber o que acontece na sociedade, não tem consciência do contexto histórico, com efeito, apenas interessa suas necessidades fisiológicas, sendo seu plano de vida puramente vegetativo. Certamente, sem a educação crítica um sujeito não muda comportamento para a consciência crítica, por outro lado, com a educação crítica, o homem adquire uma consciência transitiva crítica, se assume mais histórico que fisiológico, alcança uma visão mais ampla do seu contexto, aumenta seu poder de investigação e comunicação, conquista o poder de dialogação, assume o compromisso com a própria existência, obtém plano de vida histórico mais amplo que a simples esfera vital. Paulo Freire ilustra que a sociedade aberta apresenta mudanças sociais (urbanização, industrialização, participação popular, direitos sociais e democracia) e mudanças no comportamento do homem comum, passando da percepção de si com inferioridade para uma postura autoconfiante. Além disso, com uma educação dialógica, o indivíduo é estimulado a interpretar seus problemas, assumir responsabilidades, e fazer escolhas, tem uma vida mais racional e é capaz de pensar na e sobre a sociedade em que ele vive. Portanto para o autor, o ponto de partida é a nossa transição, durante esse período temos a chance de mudar a sociedade, cultivar a esperança de mudança, sair de uma sociedade fechada e ir para uma sociedade aberta. Inclusive, para construir esta sociedade é necessário analisar a sociedade brasileira em trânsito, essa sociedade fechada, colonial, escravocrata, sem povo, “reflexa”, antidemocrática, e assim assumir uma postura radical. De modo algum o homem radical pretende impor sua opção, todavia dialoga sobre ela, não admite ficar em silêncio e sem participar da sociedade, assume a postura da não passividade diante do poder exercido pelos grupos hegemônico porque adquire um comportamento de consciência crítica e reflexiva. Sem dúvida, a sociedade aberta apresenta a participação popular e a democracia e com a educação crítica conscientizadora, valorizando ideias de diálogo o sujeito tem a oportunidade de buscar a mudança de forma crítica, preocupando-se com a defesa dos direitos da massa, alterando a forma de pensar e ver a sociedade. Logo, mudando a sociedade automaticamente o sujeito muda porque a educação crítica transforma o pensamento ingênuo para o pensamento crítico.

O terceiro capítulo trata da Educação *versus* Massificação, ou seja, Freire discorre acerca desta questão, e afirma que a classe opressora tende a educar massificando, já a educação crítica/criticizadora e problematizadora, apresenta a característica do diálogo. Reflete acerca da educação brasileira, afirmando que esta não é teórica porque lhe falta esse gosto da comprovação, da invenção, da pesquisa, ela é verbosa, palavresca, é “sonora”, é “assistencializadora” não comunica, faz comunicados. A educação esperada por Freire, teria de ser acima de tudo uma tentativa constante de mudança de atitude bem como na criação de disposições democráticas que através da qual substituíssem no brasileiro, antigos e culturológicos hábitos de passividade, por novos hábitos de participação e ingerência. Tece uma crítica sobre a escola em sua posição acalentada ela mesma pela sonoridade da palavra, essa educação conservadora valorizada na sociedade impõe ideias, onde professor é um mero transmissor e as aulas são basicamente discursos para o aluno memorizar, que prepara a massa para atuar no mercado de trabalho apenas e não para participação da massa na sociedade. Por isso, Freire sugere romper com a educação conservadora, através da troca de ideias, por meio do diálogo e debates, principalmente em realizar um trabalho com o aluno e não sobre ele. Não basta apenas superar o analfabetismo, pois ninguém vai dar seu direito de participação gratuitamente, o sujeito simples vai precisar lutar para ter ascensão popular, porque a elite tende silenciar as massas populares, domesticando-as com a força ou soluções paternalistas. Como também, é imprescindível superar a concepção hegemônica de que uma profissão é melhor que a outra, aliás quando o sujeito passa pela educação crítica ele descobre que tem valor na sociedade, que tem direito de participar e então ele se torna um sujeito fora da passividade, adquirindo hábitos de transformação. Contudo, defende que quanto mais crítica a sociedade, sobretudo a massa populacional, maiores são as chances de termos uma sociedade democrática que a ingerência é um direito do homem comum de participar (inserção na participação social) mais ativamente na sociedade, e de projetos decisórios da vida pública, com toda a certeza isso é superar também a nossa inexperiência democrática.

O quarto e último capítulo, *Educação e Conscientização*, inicia-se com uma análise dos déficits quantitativos e qualitativos da educação brasileira, apresenta

qual é a realidade da educação no Brasil, crianças em idade escolar sem escola, crianças analfabetas, educação mecanicista, técnica e impositiva. Sobre sua experiência com a educação de adultos Freire destaca que foram experimentados métodos, técnicas e processos de comunicação (diálogo, conversa, debate entre todos). Enfatiza que a educação ocorre com as bases e para as bases, atendendo as expectativas, necessidade e interesses do grupo que está sendo atendido, sempre com o olhar voltado para o sujeito. Desse modo não admite que a democratização da cultura seja a sua vulgarização, para o autor democratização da cultura não é transmitir e sim produzir cultura com eles, onde o sujeito também participa da produção cultural. Inclusive o processo de alfabetização está ligado diretamente ao processo de democratização, desde que seja valorizado o diálogo, orientando os alunos a participar, debater e questionar. A respeito do movimento de cultura popular do Recife este se fundamentava na alfabetização e participação, e sendo Freire o coordenador projeto de educação de adultos funda duas instituições, o Centro de Cultura e o Círculo de Cultura. Dentro do currículo de cultura são realizados debates com a finalidade de promover a integração do sujeito na sociedade elevando sua consciência ao nível de criticidade. Afirma que a consciência ingênua por sua vez apresenta uma superposição a realidade, ou seja, o sujeito recebe informação da mídia e da sociedade, de grupos, ideias e explicações e aceita passivamente como verdadeiro, é algo que chega pronto para o sujeito se apropriar desta visão de mundo, o que provoca sua acomodação porque ele não precisa pensar. De outro modo, a consciência crítica consiste na integração do sujeito a realidade, o homem se percebe como produtor de cultura, entende que precisa participar na sociedade, que deve lutar pelos seus direitos e interesses, sua ação diante da realidade é crítica não compra ideias e as reproduz, mas pensa e reflete sobre elas. Portanto, Freire busca uma educação que não visa a alienação e sim que se identifica com as condições da realidade, sendo uma educação flexível, que leva o homem a refletir sobre a sua ontológica vocação de ser sujeito, vivendo ativamente, sendo sujeito da sua realidade com capacidade para agir, pensar e criar dentro de seu contexto. E como realizar esta educação? Como proporcionar ao homem meios de superar suas atitudes mágicas ou ingênuas, diante de sua realidade? A saber, com um método ativo,

dialogal, crítico e criticizador, com uma relação de amor e de fé na emancipação do sujeito e em sua capacidade e na esperança de querer alcançar uma realidade melhor. Bem como, na modificação do conteúdo programático da educação, na criação de círculos de cultura, de diálogo, assim como com o levantamento dos temas geradores, levando sempre em consideração que o conteúdo não pode ser abstrato ou intelectualizado, mas que auxilia o sujeito a se conscientizar, do seu direito de integrar na sociedade e participar dela. Ele argumenta a favor de uma educação que liberte os homens de explicações ideológicas e promova, por meio do diálogo, uma leitura de mundo que os eleve da consciência ingênua para a crítica, da condição de massa de manobra para a de sujeito que se integra a sociedade a transforma. Destaca que todos nós somos produtores de cultura e não existe cultura melhor ou pior que a outra, visualiza o analfabeto como alfabetizando, e que a alfabetização mais que domínio psicológico e mecânico de técnicas de escrever e de ler é o domínio dessas técnicas de forma consciente para interpretar e ler o mundo. Ademais, em poucas palavras o método de alfabetização de Paulo Freire consiste em algumas fases do processo de alfabetização e seus procedimentos, por exemplo, em primeiro momento realizar o levantamento vocabular dos grupos com quem se trabalhara. A segunda fase é constituída pela escolha das palavras selecionadas do universo vocabular pesquisado obedecendo alguns critérios. A terceira fase consiste na criação de situações existenciais típicas do grupo com quem se vai trabalhar. Em quarto momento a elaboração de fichas-roteiro e por fim a feitura das fichas. De fato, Freire se preocupa com a humanização do sujeito, e ressalta a necessidade de se ter intensa fé nos homens e trabalhar com profundo amor ao mundo e aos homens enfatiza que o homem é sujeito da educação e não objeto da mesma, e que é a partir do conhecimento de suas condições, que esse sujeito poderá se “distanciar”, analisar sua realidade e intervir sobre ela. Freire avança o capítulo refletindo sobre essa transição no Brasil, para ele, as transições, ou avanços fazem parte da democratização do país, por isso são necessários o conhecimento e a organização do pensamento. Assim, pensar é um ato fundamental. Como fazê-lo? - indaga Freire. Por meio do diálogo, da pedagogia da comunicação. É por meio da comunicação que o analfabeto é alfabetizado, que aprende a gramática, o vocabulário, etc. Enfim,

Freire apresenta alguns resultados frente ao Programa Nacional de Alfabetização de Adultos em conjunto com a Universidade do Recife. Todos positivos!

O livro é recomendado para todos aqueles que se interessam e se preocupam em pensar o papel da educação na construção de uma nova sociedade, de uma pedagogia moderna, uma educação para a liberdade, uma educação com diálogo, democrática e conscientizadora, uma educação para responsabilidade social.

REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. (1967) **Educação Como Prática da Liberdade**. 23. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999.